



Manuel Grácio (Marcelo)  
Soito da Ruiva

# **Ficha Técnica**

## **Editor**

Trenmo Engenharia, Lda

## **Fotografia da Capa**

Olívia Silva

## **Museu da Pessoa**

### **Responsável Editorial**

Jorge Gustavo Rocha

## **Entrevista**

Filipa Rodrigues

Ana Cristina Pereira

Ana Isabel Fernandes

## **Transcrição**

Anabela Lima

## **Edição da História de Vida**

Hugo Pereira

## **Revisão**

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

## **Design**

Ana Lopes

## **ISBN**

978-989-8172-12-9

## **Prefácio**

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

## **Manuel Grácio (Marcelo)**

Manuel Grácio nasceu a 23 de Dezembro de 1940. É conhecido como Manuel Grácio Marcelo para se distinguir de outro Manuel Grácio que também vive em Soito da Ruiva. O nome Marcelo vem do seu avô materno. O seu pai chamava-se Alberto Grácio e a sua mãe Maria da Natividade e tiveram cinco filhos, dos quais Manuel Grácio era o mais novo. Começou cedo a trabalhar para ajudar os pais. Aos 6 anos andava já a guardar gado e, aos 15, já tinha ido para Lisboa. Casou-se com uma prima, também de Soito da Ruiva, de seu nome Benvinda de Jesus Bento. Namorou por carta durante dois anos e casou-se a 18 de Outubro de 1969. É especialista no fabrico de mel, se bem que já não se dedica à apicultura desde que os incêndios lavraram por Soito da Ruiva.

## Conteúdo

Identificação “ <i>Chamo-me Manuel Grácio</i> ” . . . . .	4
Ascendência “ <i>Só me lembro da minha avó</i> ” . . . . .	4
“ <i>O meu avô Manuel António João</i> ” . . . . .	6
“ <i>O meu avô de lá de cima</i> ” . . . . .	7
Infância “ <i>Punha-me a brincar lá nos barrocos</i> ” . . . . .	8
Casamento “ <i>Casámos a 18 de Outubro de 1969</i> ” . . . . .	8
Lugar <i>O limite da aldeia</i> . . . . .	11
“ <i>O meu avô ia para a ceifa</i> ” . . . . .	14
Migração “ <i>Para a cortiça ou para o peixe</i> ” . . . . .	14
Quotidiano “ <i>De sol a sol</i> ” . . . . .	15
Costumes “ <i>Cada terra tem o seu uso, cada roca tem o seu fuso</i> ” . . . . .	19
“ <i>Aqui nunca houve médicos</i> ” . . . . .	19
“ <i>O João Brandão ainda era da minha família!</i> ” . . . . .	20
“ <i>Metemos um sapo lá dentro!</i> ” . . . . .	21
“ <i>Ainda matei muitos</i> ” . . . . .	22
“ <i>Quem produz o mel são as abelhas, não somos nós!</i> ” . . . . .	22
“ <i>Muito trabalho para apanhar os cachos</i> ” . . . . .	26
Religião “ <i>O Santo até tem um buraco nas costas</i> ” . . . . .	27



**Fotografia 1:** Manuel Grácio.

### **Identificação “*Chamo-me Manuel Grácio*”**

Chamo-me Manuel Grácio, embora me chamem Marcelo porque há outro Manuel Grácio na aldeia. O nome Marcelo vem do meu avô da parte da minha mãe. Nasci em 1940, no dia 23 de Dezembro.

### **Ascendência “*Só me lembro da minha avó*”**

O meu pai chamava-se Alberto Grácio e a minha mãe Maria da Natividade. Não sei como é que se conheceram. Então não andava cá, como é que posso saber?

Comigo eram cinco filhos. Fui o mais novo. Já me faleceram duas irmãs e ainda tenho um irmão e uma irmã. O meu irmão vive na Lousã. A minha irmã vive em Soito da Ruiva. O que vive na Lousã chama-se António Grácio e a que cá está chama-se Deolinda de Jesus. A minha irmã que morreu chamava-se Cesaltina de Jesus e a outra Laura de Jesus. Não tinham todos o mesmo sobrenome. Antigamente nem iam ao nome do pai e da minha mãe, quanto mais! Morava cá um que se chamava o Antonino do Ribeiro, que quando foi baptizar o filho, queria-lhe pôr o nome de Antonino e o padre disse:

- "Leva o nome de António! O 'nino' façam-no lá em casa!"

Coisas de ditados de antigamente. Isto com certeza foi verdade porque o pai chamava-se assim e ele não, era só António!

Dos meus avós, só me lembro da minha avó. Dos outros três não, só dos nomes. O pai do meu pai, ou seja, o meu avô da parte do meu pai, era Manuel António João. A minha avó da parte do meu pai era Maria da Conceição. O meu avô da parte da minha mãe era Manuel Marcelo Madeira e a minha avó chamava-se Maria Gertrudes. Todos eles viveram no Soito da Ruiva. O meu avô Manuel Marcelo Madeira era pedreiro. Fazia e vendia as casas com xisto na aldeia. Cá não havia telha nenhuma. Eles faziam casas de tesoura, não é como é agora que tem cume de um lado ao outro. As casas de tesoura são mais caras. Levam muito mais madeira, tudo são barrotes de madeira de castanho. Aí não havia mais nada. Então ainda hoje aquela palheira que ardeu estava toda em madeira de castanho. Aquela casa lá em cima, onde vivia a minha avó ainda é assim, também. O meu avô vendeu uma casa lá em cima - onde a gente chama fonte -, que agora é do Zé Lopes, que também era de tesoura. Agora, arranjaram-na e tiraram-lhe a tesoura. Mas foi ele que a fez. Ele vendeu aquela e fez a outra em cima. Também fez aquela grande de baixo que agora está toda escangalhada, de tesoura. Tinha só dois quartos, duas salas e a cozinha. Depois, ele achou que era muito escura e fez a de cima. Tinha uma palheira ao

lado e tudo mais. Mas as casas antigas eram mais quentes do que as de agora. As antigas eram feitas de pedra. Não entrava o frio e estas até humidades entram! Se bem que aquela lousa, às vezes, deixava entrar água mas isso era se estivesse mal colocada, porque nem toda a gente a sabe colocar! Era preciso jeito. Se calhar agora até devem haver poucos que a saibam colocar. Ou nenhum!

Antigamente era quase tudo família. Só cá havia, parece-me, duas ou três famílias. Eram os Bentos, os Ribeiros, os Grácios... Isso já não é bem do meu princípio. Ouvia muitas vezes dizer a minha avó que moravam em Soito da Ruiva apenas nove moradores. Depois começaram a ter filhos uns e outros e então... Ainda vieram alguns de fora do Concelho da Pampilhosa. A mulher do que chamavam o tio Penedas, chamavam-na Maria-Zé, essa veio de Sobral Magro para cá.

### *“O meu avô Manuel António João”*

O meu avô Manuel António João uma vez foi para a Covilhã ou para a Bairrada, já não sei bem para onde. Ele andava nos negócios dos bois e quando lá chegou tocaram para a missa e o meu avô, que era muito religioso, foi para a missa. No átrio da igreja, ele estava com dois bezerros e prendeu-os numa árvore e também foi à missa. Quando estava a sair, disseram-lhe:

- "Se calhar até já nem valia a pena ir à feira."

E depois:

- "Quanto é que quer pelos bezerros?"

- "Quero tanto!"

Lá fez o negócio e vendeu-os. Vendeu-os logo! Ganhou! Eram reais ou o que era, eu não sei como era naquele tempo. Ainda davam uns vinténs, então, vendeu-o. Depois chegou ao pé dos outros, que iam de Soito da Ruiva também e não quiseram ir à missa nem tinham feito negócio nenhum. Depois diz um assim:

- "Não valeu a pena a gente cá vir! Uma caminhada como a gente fez e não se fez negócio!"

Atravessavam estas serras todas a pé. Diz ele assim:



- "Vocês ainda não fizeram negócio nenhum! Eu já comprei uns bois e já os vendi outra vez!"

- "O quê! Não pode ser! Então tu foste para a missa?"

- "Foi mesmo no largo da igreja."

Ele depois ainda fez lá mais um negócio. À volta, havia um sítio onde costumavam ficar e, na altura, andavam por ali uns gatunos, que de noite apanhavam toda a gente. O meu avô ficou para trás a falar com uma gente e os outros foram andando. Ao fim, vinha sozinho, mas já a contar com os gatunos. Usava aqueles paus antigos que quando batiam no chão, saía aquela parte em cima e ficava o espeto. Há um que se lhe atravessou à frente e disse:

- "Dá-me aí dinheiro para a pinga!"

E o meu avô respondeu:

- "Ao que vocês andam também eu ando!"

O gatuno foi para se botar ao meu avô e ele "tuca" - espetou-lhe! E ao fim disse-lhe:

- "Este já está, se houver mais algum pode vir!"

Jamais! Os outros só se viam a fugir pelo meio do mato fora, com medo do meu avô. Depois acontece que o meu avô pensou:

- "Eu agora já sei. Com certeza que eles andam lá para me apanhar."

Ainda assim, o meu avô foi para a taberna ter com os amigos, onde comeram, beberam e quando foram para pagar, diz assim um da taberna:

- "Vocês não pagam nada. Está tudo pago!"

- "Quem é que pagou?"

- "Olhe lá, você deu conta de um, pois apareceu morto. Olhe que já cá não andam gatunos agora. Desapareceu tudo! Por isso..."

### *“O meu avô de lá de cima”*

O meu avô de lá de cima tinha, às vezes, coisas que não as havia de ter porque a minha avó passou muito com ele. Antigamente punham as batatas nas dornas. Até romperam lá em cima um bocado. Tiveram para lá batatas que aquilo foi... só visto. Tinham lá duas dornas cheias de

batatas. O meu avô ia ver as batatas. Cada vez que lá ia, havia mais falta e eles não as comiam. E lá a minha avó dizia:

- "Ah! Ela põe-nas por portas. Ela assim, ela asado!"

E o meu avô chegava-lhe. O que é que acontece? Certo dia, um homem disse ao meu avô:

- "Ó Manuel, olha que tu dás cabo da tua mulher e ela farta-se de trabalhar. Vai ali ao Ceixinhos, ao meio das couves, vai ver o que é que lá está! Que a tua mãe passou por lá."

Chegou lá e tinha as batatas para elas trazerem. A minha avó é que estava a pagar, porque o meu avô pensava que ela estava a dar as batatas. Chegou ao pé da mãe dele, dizem que só faltou bater-lhe. Mas não tornou a pôr as batatas por portas!

## **Infância “*Punha-me a brincar lá nos barrocos*”**

Aos 6 anos já andava atrás de um rebanho de gado! 6 anos! Depois veio a florestal. Aos 10 anos fui para a escola para o Sobral Magro. A escola da aldeia foi inaugurada com alguns 30 alunos só de cá. E hoje não há cá nenhum. Mas eu nunca andei aqui na escola. Eu entre-tinha-me mais com os moinhos. Quando era miúdo, punha-me a brincar lá nos barrocos, a fazer moinhos. Levei muita tarefa por causa disso! Recordo-me que punha a casca do pinheiro a moer no moinho de milho. Também jogava ao pião, que outra coisa não tinha. Já à panela, nunca fui. Aos 15 já tinha ido para Lisboa!

## **Casamento “*Casámos a 18 de Outubro de 1969*”**

A gente já se conhecia da terra. Éramos primos e tudo. Como começou o namoro? Oh, isso agora! Já não sei o que fiz ontem quanto mais. Escreviam-se cartas. Ainda andámos assim uns dois anos, não me lembro ao certo quanto tempo foi.



**Fotografia 2:** Pormenor de um moinho. Bombo ou cal (à esq.) que bombeia água para o penado e faz mover o rodízio. Soito da Ruiva, 2006.



**Fotografia 3:** Benvenida de Jesus Bento, esposa de Manuel Grácio.



**Fotografia 4:** Benvinda de Jesus Bento e Manuel Grácio. Soito da Ruiva, 2007.

Casámos a 18 de Outubro de 1969. Tinha eu 29 anos e ela 27. A cerimónia foi na aldeia. Ainda foi o Padre Sintra que cá veio fazer o casamento na capela. Na capela mas não foi nesta, foi na antiga. Ela foi de saia e casaco, salvo erro. O meu fato era azul-escuro. Depois, já se sabe como é que é: comer e beber! Esteve muita gente na festa. Ainda deviam ser mais de sessenta pessoas!

### **Lugar *O limite da aldeia***

O limite da aldeia era todo semeado de centeio. Quer-se dizer, por partes. Um ano era num lado, outro ano era noutra, outro ano era noutra, até que chegava ao fim. Isto demorava mais ou menos nove anos a dar a volta ao limite a semear o centeio. Depois tornava a ir ao princípio, até para o mato e a giesta se criar. O mato e a giesta eram cortados, o terreno cavava-se e era enchido com adubo, como cá diziam antigamente. Depois aquilo era queimado e depois semeava-se o centeio. No ano a seguir, nessa parte já não levava nada. Era para tornar a criar mato para, no fim de nove anos, tornar a semear o centeio. Depois eles punham, às vezes, mais centeio do que milho.

A batata só era semeada debaixo da Oliveira, senão

não dava nada. Eles queriam era o grão do milho e o feijão. Plantavam o feijão, que até crescia à volta do milho. Diziam que para a batata era mal empregado o terreno e tudo mais. Houve um ano que o meu pai, que Deus tem, um bocado chateado com as minhas sobrinhas, dessa minha irmã que morreu, semeou batatas. Houve aí uma outra pessoa que não conhecia também e disse-lhe:

- "Ó Alberto, não achas mal empregado aquele bocado semeado de batata? Aquilo é bom para o milho!"

- "Se é bom para o milho, também é bom para as batatas!"

Foi a resposta que o meu pai deu. Quando foi ao fim arrancar as batatas, havia lá 18 carretos de batatas. E milho, se eles lá trouxessem um alqueire de milho ou dois era muito. E depois diz o outro:

- "Tu é que tinhas razão. Agora tens lá um forte de batatas e eu se as quero comer, não as tenho lá."

Na altura para cavar a terra eram só os homens. Mas depois chegou ao ponto que eram quase só as mulheres que cavavam, já que os homens tinham ido para Lisboa. E para amanhar os terrenos tinham que ir elas cavá-los.

Hoje, isto dá mais produção, porque antigamente não se curava nada. Hoje se não se cura nada, não se tem nada! Nós tínhamos um bocadito de feijão. Dava para todo ano e tudo mais. Mas nós hoje não semeamos a décima parte do que semeávamos e o feijão dá à mesma. O problema é que tem que se andar sempre com a máquina às costas!

Havia também muitas árvores de fruto. Cerejeiras eram o que havia mais! Ao cimo da minha fazenda, tinha algumas quatro ou cinco. Hoje não há lá nenhuma, que arderam todas. Mas próximo aos moinhos tem lá dois bocaditos, no de baixo não tem nada, mas no de cima tinha lá uma ou duas cerejeiras. Ao pé da levada que vem para a minha fazenda ainda tinha outra. Hoje já não há lá mais nenhuma também. Tinha escapado uma do outro incêndio, mas o último fogo acabou por deitá-la abaixo.

Primeiro, os moinhos não eram ali, ficavam mais abaixo. Eram e são moinhos de água. O primeiro que



**Fotografia 5:** Manuel Grácio no moinho da Soalheira, próximo à Barroca do Tapado. Soito da Ruiva, 2006.

existiu é o que chamam o moinho do Tapado. Depois surgiram os outros todos. Moíam de noite e, de dia, andavam a regar no moinho. Há cá catorze moinhos, mas em bom estado só lá estão dois porque eu os arranjei. Eu é que arranjei os moinhos! Fui eu que fiz o rodízio e os pus a moer! Mas nunca me pagaram nada! Lá têm as outras coisas. Enquanto não pagarem... Era o que faltava, também! Eu faltar-me de trabalhar e não me darem nada! Para o de cima, para fazer o rodízio, tive que comprar um castanheiro e dei 100 contos por ele! É muito dinheiro que se gasta! E mesmo o rodízio do moinho, nem todos os fazem! É preciso ter força também. Já os outros, está tudo... Está ali um que fiz há pouco tempo, porque ardeu. Eu disse o seguinte:

- Bem tenho que deixar maior, porque vale mais ser maior do que mais pequeno.

Depois quando lá cheguei tive que cortar aquele bocado. Mas já moeu.

Havia muitas famílias a viver aqui na aldeia. Isto chegou a estar tudo povoado. Eu vivia daquele lado. A minha irmã vive lá em cima. Ela também viveu ali, quando casou. A minha avó vivia na outra casa de baixo. Havia aí casas de cinco e seis pessoas. E oito! E toda a gente trabalhava. Isto não é da minha lembrança mas ouvia a minha avó dizer muitas vezes que o meu avô ia para

a ceifa, não sei para onde. E aí havia o cunhado, chamavam-lhe o Manuel José, que levou um filho que casou com uma tia minha que era avó da Ana Maria. Pois, a avó dela era irmã da minha mãe. Ele chamava-se José Maria, irmão da avó da minha mulher. Depois o tio Manuel José levou o outro Zé Maria, ainda ele era pequeno. Quando lá andavam na ceifa havia - chamavam lá - os manajeiros, que eram aqueles que andavam a tomar conta do pessoal, mas também andavam a ceifar igual a eles.

### ***“O meu avô ia para a ceifa”***

O meu avô via aquele que lhe fizesse mal e depois ajustava contas. Era muito bom pelo bem, mas pelo torto ninguém o levava muito. Dizia assim:

- "Ó cunhado, aquele gajo anda aí a lixar a gente. Mas eu trago aí o rapaz daqui, dali..."

Ele depois começou atrás dele a ceifar e quando lá chegou deitou a mão à palha e a foice por baixo. O meu avô agarrou-lhe, foi por cima, botou-lhe a mão à espiga e ele ficou com a palha na mão. Mas o dono foi sempre na treta deles, julgando que conseguiam andar à porrada. No fim o dono disse para o outro:

- "Julgas que és muito esperto! Há quem seja mais esperto do que tu! Agora agarra e vai lá buscar outros oito iguais aos outros."

E para o meu avô disse assim:

- "Toma lá um cigarro e fuma aí."

Depois ele veio ajudar os outros.

### ***Migração “Para a cortiça ou para o peixe”***

Os homens iam para Lisboa, porque se ganhava dinheiro! Iam para a cortiça ou para o peixe. Fui a Lisboa fazer 15 anos e depois passei em vários sítios. Quando para lá fui, fui trabalhar para uma mercearia. De uma mercearia fui para uma drogaria. De uma drogaria fui para uma carvoaria. De uma carvoaria fui para uma casa de vinhos e comidas e depois vim para a Empresa Geral de Transportes, em Braço de Prata. E da Empresa Geral de



Transportes fui para o tráfego do Porto de Lisboa. Do Porto de Lisboa ainda vim passar para a Secil, do Poço do Bispo. E da Secil, do Poço do Bispo, tornei para o tráfego, onde fiquei até me reformar. Andei lá 30 e tal anos, não chegou aos 40. Quando me vim embora, o pessoal era demais e então o sindicato em conjunto com os patrões queriam mandar algumas pessoas embora. Eles resolveram a situação daqueles que tinham 55 anos feitos ou que ainda não tivessem chegado. Depois, todo aquele que tivesse de 45 anos para cima tinha que se vir embora. Na altura que fui reformado, o Governo exigia que tivessem 36 anos de Caixa. E o Governo e os patrões davam 10 anos de desconto para as pessoas se virem embora. Mas eu não precisei deles porque já tinha 37 anos de descontos.

De vez em quando, vinha a Soito da Ruiva fazer a sementeira. A minha mãe é que tomava conta de tudo, pois o meu pai já tinha morrido. Enquanto estive em Lisboa, a minha mulher esteve cá sempre. Quando fui para lá, ainda nem namorava com ela.

Mas havia mais pessoas do Soito da Ruiva a trabalhar em Lisboa. Todos os homens queriam para lá ir! Na altura em que fui, o Manuel Grácio também andou com outras pessoas daqui. Mas ele sempre trabalhou no peixe. Alguns dos que trabalhavam no peixe foram trabalhar comigo também, mas ele não teve direito a entrar, porque a Caixa era a mesma mas os descontos não eram iguais.

## **Quotidiano “*De sol a sol*”**

O milho era semeado em Abril e depois só era apanhado lá para o fim de Setembro ou Outubro. Mas os moinhos moem sempre! Tira-se o milho nesse tempo. Debulha-se, seca-se e põe-se na arca. Depois a gente quando precisa vai moer. Ainda vou moer o milho que tenho naquelas arcas grandes. O tempo que demora a moer depende. De Verão demora muito tempo, porque a água é pouca. É só uma nascente. E nascem no meu terreno as nascentes. Mas para a parte de trás, pela Malhada Chã,



**Fotografia 6:** Moinho dos Ribeiros. Soito da Ruiva, 2001.

fizeram um furo, que foi mais fundo mas ao nível dessa nascente de cá e, às vezes, falta água. A minha mulher faz um bocado de carolo. Aquilo é quase do género do arroz doce. A minha mulher é que sabe fazer isso! O carolo é o moinho que o faz, é milho partido. Agora o resto é com ela! A gente em vez de fazer a farinha, levanta-o! Quanto mais o levantar, mais grosso fica! Depois o carolo é posto para ali num bocadinho de água a cozer. No fim de estar aberto vai-se pondo o leite, senão não presta. E o açúcar põe-se no fim.

Para regar, cada qual tinha as suas horas. Por exemplo, a minha era das dez até ao meio-dia. Ao meio-dia é de outro até às 14 horas, outro às 15, outro é às 16... Era assim que estava organizado. Se passou o meu tempo, os outros não querem saber! Por isso, é que as pessoas andavam sempre com o relógio. Às vezes havia brigas. Até agora há, quanto mais antigamente! Eles sabem das coisas e metem-se. Há aí alguns que se deixarem... Está aqui essa represa, há aí poucas pessoas que sejam capa-

zes de tomar conta de andar. Porque ela é de nove dias, mas se nos nove dias, se lá entrar água da levada de cima, não conta! E tem alturas que vai para 18.

Antigamente as pessoas cozinhavam tudo a lenha. Havia cá alguma garrafa de gás? Era tudo a lenha. E a gente ainda faz a comida a lenha! Fica mais saborosa do que a gás. Comida típica da terra é a chanfana, carne de cabra. É feita no forno onde se coze o pão.

Antes, esses fornos eram em sociedade, mas agora já cá não há nenhum. Acabaram com eles. E também acho que só há cá duas ou três pessoas que cozem broa. Antes toda a gente sabia fazer broa! A gente ainda continua a fazer, ainda coze, porque ainda vamos tendo milho. Mas agora não é na gamela, é no alguidar. Mas temos game-las. Ainda tenho aí duas. O milho ainda vou moê-lo no moinho do Barroco. Eu também tenho moinho em casa, mas a farinha não é tão boa. A broa não sai tão boa! O moinho se estiver bem arranjado, gasta um quilowatt de luz ou dois com um alqueire de milho. Só que a farinha aquece e depois a broa não sai tão boa. Lá adiante nos moinhos a farinha sai mais saborosa. Antigamente eram aqueles moinhos todos e ainda andavam sempre a pedir uns aos outros, porque não chegava o tempo. Quem tinha, com licença, os porcos e ainda tinha para governar uma larada de filhos como era para aí, iam todas as semanas, mas só uma noite ou um dia a moer já dava alguma coisa! E quando, às vezes, tiravam a água para a minha fazenda os moinhos ficavam sem moer! Antigamente, usávamos o sarrão. O sarrão era onde levavam o grão para o moinho e traziam a farinha. A minha mãe ainda fez alguns. E lembro-me da avó da minha mulher fazer também. Mas aquilo cheirava muito mal. Era a pele do animal. Recordo-me que a pele secava e azedava para depois tirar o pelo. Foge! Vi-a a fazê-lo além à porta da palheira. E eu, às vezes, quando vinha com o gado até ia lá pendurado. E dizia assim:

- Raios partam, não virem os lobos para levarem aquela pele.

Cheirava muito mal.

Uma vez, os lobos ainda me agarraram um borrego.



**Fotografia 7:** Manuel Grácio no moinho dos Ribeiros. Soito da Ruiva, 2001.

Mas não chegaram a levá-lo! Nesse dia agarraram alguns três e se calhar não levaram nenhum. Foram comer uma cabra que era da minha irmã. Mas não era eu que as trazia! Outra vez, apanhei cá uma arrelia, filha da mãe! Era Inverno e eu fui com elas por aqui fora pela parte de trás de Sobral Gordo. E depois quando vim para as meter, faltava uma ovelha da minha avó. Então e agora? Não vi lobo, não vi nada! Como é que foi, como é que não foi? Quando cheguei a casa, uma tarefa da minha mãe com uma corda dobrada! E ela a bater não era nada meiga! No outro dia, contei-as logo de manhã. Quando fui lá em cima, apareceu-me com dois borregos! Ficou lá e teve lá os filhos! Ao fim, em vez de um eram três!

Agora andam aí alguns animais que não fazem cá falta nenhuma! Cães, não há cá nenhum! Mas antes havia, então não havia? O meu pai sempre teve! A minha mulher não era senhora de lhes abrir a porta. A gente teve uma cadela que era do meu genro. Ela morreu também. Não quero cá mais nenhum! Agora para a gente ter um animal tem que ir com ele às vacinas, tem que fazer isto e aquilo. Tem que andar para aqui e ali. Perde-se muito tempo.

A mãe da minha mulher fazia carregos de carvão por 25 tostões. Ia levar a Pomares para ganhar dinheiro. Tinha dois filhos para criar. Vendiam o carvão baratuxo. Andavam sete quilómetros e tal com ele às costas. E também carregavam pedras para as casas e tudo. Era trabalho de sol a sol. Era desde que nascia o sol até se pôr.

## **Costumes “*Cada terra tem o seu uso, cada roca tem o seu fuso*”**

### **“*Aqui nunca houve médicos*”**

Houve uma altura em que me deu uma coisa no pé, por baixo, e tive aí quase um mês sem sair de casa. Qualquer coisa que se cá espetou e depois infectou. Aqui nunca houve médicos. Vinha cá o senhor doutor Vasco de mula. Eu não me lembro já dele cá vir. Já estava velhote ou morreu na altura, mais ou menos. Não me

lembro. Quando eram coisas que não eram tão graves, dizia-se: "Isto pode ser que passe!". Ainda hoje há esse costume. Eu e a minha mulher ainda temos esse costume, às vezes: "isso pode ser que passe!"

Mas havia quem soubesse rezas que curavam. A minha irmã Deolinda também sabe. Se a gente estrutagar um pé ou uma mão - o estrutagado são as linhas torcidas, os tendões -, ela também sabe rezar. O meu pai é que sabia disso e foi quem ensinou. Eu parti uma perna e não fui para o hospital, foi ele que me arranjou. Já o meu irmão esteve no hospital e hoje coxeia. Ninguém diz que parti a perna. Aquilo é uma reza que fazem e vai ao sítio. Só que quando fazem a reza durante 10 dias a pessoa não pode molhar aquele sítio. Se molhar não vale de nada a reza. Também há uma reza do púcaro, mas a minha irmã não faz com o púcaro! E a do púcaro não é tão boa como a outra. Vale mais essa que a minha irmã sabe do que a do púcaro!

Outras vezes esfregavam as pessoas com tintura de mostarda! Esfregavam isso na coluna e nos braços. Aquilo aquece muito o corpo onde se põe. Comprava-se na farmácia. Ainda há hoje. Também havia a erva da estaca. Se fosse uma coisa qualquer num dedo e a gente não conseguisse tirar, a gente punha aquela erva em cima e puxava para fora. E também se fazia um chá de ervas que há por aí no campo.

### ***“O João Brandão ainda era da minha família!”***

O João Brandão ainda era da minha família! Ele era amigo do avô da minha mãe! Era muito mau. Punha os cavalos a comer nas arcas do milho e ninguém podia dizer-lhe nada! Sei que ajudou a minha bisavó. Aqui na serra, por trás do Piódão, onde nasce o Rio Seia, a fonte das águas Seias, estava lá um terreno, onde andava um deles, e tinha uma taberna. E uma vez, a minha bisavó estava lá e apareceram uns que comeram e beberam e não queriam pagar. Ela tinha comprado as coisas para ir até lá. O que é que aconteceu? Começou a chorar. E estava lá um da seita do João Brandão. Saiu de lá para fora e

perguntou:

- "Quem é o homem que não quer pagar? Pague lá já à mulher!"

E ele bem puxou pelo dinheiro e pagou-lhe. Depois, ainda era assim de noite, disse para os outros:

- "Já é de dia, vamos embora!"

Estavam com medo que o matassem. Diz que ainda a manhã vinha lá muito longe e que já eles iam embora com medo.

O João Brandão desapareceu quando foi a Casal de Abade. Estava a jogar às cartas em Avô e depois foi a Casal de Abade matar o padre. E o que é que aconteceu? Ele matou o padre com um sabre, mas limpou-o a um lenço, o qual meteu no bolso. E houve quem visse. Por aí é que ele foi preso. Depois quando o levaram preso, ele dizia assim:

- "Das sete amigas que tinha, a todas peço perdão. Só há uma que não lhe peço perdão, que é a Carolina Augusta que levo no coração."

Era a mulher dele.

### ***“Metemos um sapo lá dentro!”***

Isto aqui o Carnaval nunca foi assim muito animado. Era mais coisa para o São João. A gente andava sempre a ver se apanhava aí um gato para por lá no cântaro, no cimo do pinheiro. Levantava-se o pinheiro e depois punha-se palha pelo pinheiro acima. À meia-noite, deitava-se lume à palha. Quando chegava o lume lá em cima onde o cântaro estava atado, vinha para baixo e o gato fugia. Mas houve um ano em que a gente não conseguiu apanhar nenhum gato. Metemos um sapo lá dentro! As pessoas todas à espera que o gato fugisse e quando o cântaro caiu no chão era um sapo que lá estava! Quando partiu e viram o sapo... Aquilo era uma tradição antiga. Quase todas as pessoas fechavam os gatos em casa com o medo que lhes apanhassem para pôr no cântaro!



**Fotografia 8:** Manuel Grácio a demonstrar o utensílio que usa para pôr fumo no cortiço das abelhas para formarem um novo enxame. Soito da Ruiva, Março de 2007.

*“Ainda matei muitos”*

Também me lembro da matança do porco. Ainda matei muitos. Uma vez fui agarrar um e entrei sozinho para dentro da loja para apanhá-lo. Estendi-me no chão! Foi um por trás, levantou-o pelo rabo e passou por cima de mim. Depois para o apanhar, viram-se à rasca! Para a matança, os homens juntavam-se. Por exemplo, havia três ou quatro pessoas que matavam o porco no mesmo dia. Alguns eram família mas depois matavam um e ajudavam-se uns aos outros. Depois a carne salgava-se. Eu gostava mais dela então, do que agora. Também faziam o enchido. Depois era posto no azeite e dali iam tirando durante todo o ano. Faziam torresmos que também eram postos no azeite.

*“Quem produz o mel são as abelhas, não somos nós!”*

Mel, tiveram os meus pais e tive eu! O meu pai já tinha e a minha mãe era lixada para aquilo. Ela fazia os enxames sozinha, mas quem produz o mel são as abelhas, não somos nós! Faziam o mel nos cortiços, nos enxames, que ficavam no mato. Era proibido tê-las na povoação. A abelha-mestra é a que faz o mel. As outras só carregam



o pólen para o cortiço. A gente chama-lhes o gado do monte. As abelhas não são todas da mesma qualidade! Nos cortiços era conforme apareciam. A gente não estava a esperá-las! Mas se não tiver a mestra o enxame morre. É maior que as outras. Há os zangões que são grandes. Mas a abelha-mestra tem o rabo afiado e o zangão não! Ela dá vencimento às outras todas, faz a cera e o mel no cortiço. Sabia-se que havia uma mestra pela cera. Que o buraco da cera é maior. O buraco da cera, de onde sai a mestra é maior do que os outros favos de onde nascem as abelhas. Se for colmeia móvel temos que ir lá pôr a cera. Mas o mel da colmeia móvel não é tão bom como o do cortiço, porque a cera não é feita por elas. Ou seja, temos que ir lá pôr os quadros da cera. Depois, a abelha-mestra faz os buraquitos na cera e depois põe o mel, enquanto que com o cortiço, ela faz a cera e põe o mel. Por isso o mel da colmeia móvel não é tão bom como o do cortiço. O mel de enxame é bom para remédio e isso tudo. O da colmeia, a cera já não é nova, pronto! É nova só no primeiro ano. Se a gente fizer este ano o enxame e ainda o crestar, é mel de enxame novo. Se ele ficar para o ano, já não é novo. Já é cera velha. É bom para a gente consumir, só que não é um mel tão fino.

O mel do mato-branco e o do mato negro aqui pouca diferença faz. A abelha, por exemplo, este ano crestou. Elas para o ano põem a cera do mato negro. Depois elas põem o mel do mato-branco. Aquilo é o pólen, quer seja de uma coisa ou da outra. A flor não é tão grande como esta, é mais miudinha. E o mel é o mais fino. E há a outra que chamam mongariça que dá um mel ainda mais fino mas mais doce. Se for mel de medronheiro já não é tão bom, amarga mais.

Às vezes, tínhamos que mudar as abelhas de um enxame para criar outro. Se lá estivesse mais do que uma mestra, matavam-se uma à outra. Só fica uma! Senão a outra mata! Tem que fugir! Então, a gente punha o cortiço sem nada, batia no outro e elas passavam desse para aquele. Se a gente deixar o outro cortiço ao pé, elas fogem todas para lá. E a mestra, abelha mais velha, é



**Fotografia 9:** Manuel Grácio com uma cresta-deira, utensílio que usa para crestar o mel. Soito da Ruiva, Março de 2007.

que vai! Ela vai nem que seja só com um bocadinho de abelhas! Lá só fica uma, que a nova não vai! A nova fica no mesmo. E se a mestra lá não for, elas tornam a regressar. A gente pode levar o cortiço para longe mas elas regressam lá. A gente não pode lá deixar o cortiço. A gente fez o enxame deste para aquele, deixamos lá a colmeia e levamos o cortiço para outro lado. Mas, às vezes, até nem vale a pena esses enxames, porque aquilo ao fim não dá nada. São poucas abelhas! E sendo poucas abelhas, não dá produção de carregarem para ela!

As abelhas reproduzem-se dentro da colmeia. Quando a gente as vê andar a carregar e vão com as pernitadas cheias de pólen, é quando as abelhas novas estão para nascer e está feita a cera no cortiço. Quando já não se as vê levar nada nas pernas, aí já põem o mel. E quando estão a pôr o mel, elas põem-se aos eivados em baixo a fazer "zzzz". Olhe que andam lá.

Depois, ao fim, se for enxame, só quando a cera chegar ao fundo é que está feito. E se for colmeia já não se vê por baixo. A gente toca no tampão por cima. Se ele não toar, já tem a cera até ao tampo e está feito. Se toar é porque não está feito. A gente a tocar assim no tampão do cortiço é que sabe se o enxame está feito ou não. Nem toda a gente sabe quando estão feitas.

Depois, tirava-se o mel com fumo e com uma cresta-deira. A gente vai e corta a cera em toda a volta. Aquilo está agarrado ao cortiço e ao tampão, às vezes. Depois, a gente levanta o tampão e tira-o fora. Dá-lhes fumo para as abelhas irem para baixo, para depois cortar a cera com o mel para trazer. Mas a gente não tira o mel todo! A gente só tira uma parte de cima. Para baixo fica o mel para elas se alimentarem e depois tornarem a fazer novo mel. Às vezes, as abelhas picavam quando se ia tirar o mel. Se a gente estiver ao pé delas e se deixar estar quieto, elas podem pousar na gente e não fazem mal nenhum. Agora se a gente começa a fazer assim "trás", fica logo! Mas são parvas, porque morrem! O zangão não morre porque o zangão morde com a boca. Agora a abelha dá a picadela com o ferrão que tem. E depois ao ferrão ficam as tripas agarradas! Por isso é que elas mor-

rem! Uma vez, a minha mulher fugiu às sete partidas. Depois começou tudo a ir de repente de um cortiço para o outro, digo eu assim:

- Vê que ela agora é capaz de passar!

Onde é que ela ia? É que as abelhas não são todas da mesma qualidade! Aquela abelha miudinha é boa mas para picar! Uiii! Houve uma vez que tive que largar o cortiço e vir-me embora para pôr água em cima de mim para me largarem.

O mel depois era só para comer. Nós cá nunca o utilizamos para outra coisa. Havia pessoas que vendiam, outras que não. Era só para dar, para a família. Também havia aguardente de mel. Era feita quase só da cera e da água. Quase feito só da cera! A cera é espremida. Depois lavam as mãos ou as luvas, quando é acabado de espremer. Quando acabam de espremer, o mel e aquela água tem de estar a fermentar, senão não dá logo. Até se lhe puserem muito mel não desdobra, não dá aguardente. Tem que ser quase só água e cera porque se lhe puserem muito mel não desdobra. E se ficasse escura, também não prestava. Mas aqui não há quem faça. Nem nunca houve. Há a vender ali, porque é em Sobral Magro que fazem.

### ***“Muito trabalho para apanhar os cachos”***

Só em Setembro e Outubro é que se faz a colheita do vinho. É muito trabalho para apanhar os cachos. A minha mulher é que os corta e eu é que os carrego. Tudo às costas. Ainda em Setembro tive à volta de 1000 e não sei quantos litros de vinho. Ela cortou-os e eu carreguei-os nas cestas. Tenho ali 20 e tal. A minha filha não veio. Para quê? Então eles também têm a vida deles. E se não se faz num dia faz-se em dois ou três. Depois, antigamente esmagávamos os cachos com os pés, mas agora há a esmagadora. É mais rápido com a esmagadora. Aquilo fica logo pronto. São 20 e tal cestas de uvas e depois a esmagadora... Eu tenho ali uma dorna que, quando cheia, leva 36 carregos.

O meu avô da parte do meu pai tinha um barril na

loja de 100 litros de vinho e dava-lhe para todo o ano. O avô da minha mulher não tinha assim muito. Ele vinha buscar uma garrafita de litro mas só levava meia. E dava para todo o dia, o meio litro. Quando o meu pai morreu tive 440 litros de vinho a mais. Nós, primeiro, também pouco tínhamos. E eu dei 500 escudos por uma pipa que lá tenho, que leva esses litros. Ainda foi a minha irmã buscá-la lá acima. Trouxeram-na a rolar por aí abaixo. Estava cheia de vinho quando a comprei. Comprei-a no Monte Frio. A gente já chegou a ter muito vinho. Mas agora também já tem pouco. As vinhas tornaram a arder.

### **Religião “O Santo até tem um buraco nas costas”**

A capela foi feita com nove moradores. Dizia a minha avó, que morreu em 1956 e tinha 109 anos, que o Santo era muito milagroso. Não sei se era, se não! Depois vinham pessoas aí. A capela era de laje por cima ou lousa, como lhe queiram chamar. Acontece que os romeiros que cá vinham cumprir as promessas roubavam as telhas e foram-nas trazendo. Mas houve uma vez que levaram o Santo e descascaram-lhe as costas para levar as areias porque ele é de pedra de anção. Nem toda a gente sabe o que é. É uma pedra especial. Diziam que curava as sezões. Era a fé! As sezões eram uma febre que dava às pessoas. É quase o género do paludismo ou que é! A pessoa tão depressa estava cheia de frio como, de repente, começava a transpirar. Também acreditavam que quando o forno é feito de novo, se as pessoas comerem o pão da primeira fornada também não lhes dá sezões. Mas o Santo até tem um buraco nas costas. Tanto é que no andor, puseram uma folheira para o segurar! Com papel forrado, ninguém diz que ele vai seguro, mas tem!

Hoje é raro virem cumprir promessas, mas antigamente era "ralo" o dia em que aí não apareciam pessoas. A romaria era sempre só uma! Depois, coitados, andavam todo o ano para ver se arranjavam alguma coisa.